

## **A Violência e as Mulheres, por Amélia Almeida**

Esse escrito é uma contribuição para a reflexão sobre as possíveis razões e motivações do elevado número de casos de violência contra as mulheres no Brasil. Em Salvador são, em média, 21 agressões por dia, cifra certamente não muito diferente das encontradas na maioria das capitais do país - isso para ficar apenas com a estatística das queixas registradas.

A sociedade brasileira, e a baiana em particular, traz um forte marca de violência. Desde a ocupação e exploração do nosso território - onde milhares de indígenas e, em seguida, africanos escravizados foram submetidos a diversas formas de violência física e psíquica - até a consolidação de um modelo de sociedade patriarcal e, em seguida, de capitalismo “selvagem”, que se sustentaram em formas de dominação e opressão, com ou sem violência explícita, daqueles considerados inferiores, quer por sua condição de classe, cor ou gênero.

No caso da violência contra as mulheres há especificidades, a começar por dois fatores de ordem constitucional que parecem ter jogado importante papel no histórico de dominação do sexo feminino pelo masculino: uma menor e mais frágil compleição física e a capacidade de concepção, esta favorecendo o surgimento do controle dos corpos e movimentos das parceiras de forma a supostamente garantir a paternidade e, para os abastados, a transmissão de propriedade à prole.

Essa apropriação de características biológicas de forma desfavorável ao sexo feminino ganhou uma dimensão simbólica onde os atributos de passividade, submissão, fragilidade e outras limitações, configuraram representações de inferioridade e de papéis secundários na sociedade. Além dos homens, as religiões e a economia souberam servir-se dessa valoração de sinal menos, contribuindo para uma ideologia que orientou leis e atos onde as mulheres ainda figuram como cidadãs de segunda categoria, na sociedade e na família. Aí, em particular, ainda são tomadas como objeto a serviço dos parceiros, vulneráveis às diversas formas de violência, o que não exclui a pertinência de se interrogar o(s) por que(s) de muitas delas se deixarem submeter a maus tratos e agressões - dado freqüente nas denúncias é o expressivo número de anos vividos em relações violentas.

Ao lado das questionáveis justificativas da real dependência econômica em relação aos parceiros, ou mesmo da não explicitada escolha de acomodação a um padrão de vida mais elevado, outras respostas devem ser buscadas no que circula de forma predominante em termos discursivos na sociedade, da força da ideologia patriarcal e a consequente hegemonia masculina ao disseminar juízos e ditos enganosos, fazendo com que as próprias mulheres se julguem menos em muitos aspectos.

É preciso avançarmos na mudança de discurso – que envolve concepções, atos e atitudes - para que os homens possam pensar e agir de outra forma com relação às

mulheres e para que as próprias mulheres possam se reconhecer e se fazerem reconhecer como individualidades, com direito a escolhas e liberdades: atenção redobrada deve ser colocada na busca de parceria amorosa e/ou sexual com os homens, para que essa não seja perseguida a qualquer custo, nem por necessidade exclusivamente material nem pela dita “emocional” - aqui a concepção de felicidade, centrada na vida amorosa, propalada pelo ideal romântico atrapalha muito!

Enquanto persistir, a violência contra as mulheres deve ser denunciada. A punição que daí pode decorrer funciona bem onde há um vácuo de consciência no que se refere ao respeito ao semelhante e, também, onde é necessário barrar certo sadismo implicado no ato de submeter e causar sofrimento ao outro.

A mudança de mentalidade quanto às diferenças e igualdades de gênero e sua disseminação “educativa” por parte das esferas públicas e privadas é essencial para que homens e mulheres repensem suas posições, especialmente as de dominadores e vítimas, e conseqüentemente suas atitudes.

### **Amélia Almeida**

*Administradora, Psicóloga, Mestra em Ciências Sociais e integrante da equipe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia*